

1922

BRASIL

SECRETARIA DE CULTURA

# Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Janeiro de 1996

Nº. 1



IMPRESSO

EFEMERIDE DO MÊS

## HERMANN WENDENBURG

NASCIDO NO DIA 2 DE FEVEREIRO DE 1826, EM FÖRSTE — HANNOVER (ALEMANHA), FILHO DE WILHELM WENDENBURG E ELISE HOLLMANN. VEIO PARA O BRASIL EM 1853, CHEGANDO A BLUMENAU NO DIA 15 DE JULHO DE 1853. CASOU-SE EM 8 DE NOVEMBRO DE 1857 COM JENNY HERBST. TORNOU-SE GUARDA-LIVROS E VICE-DIRETOR DA COLÔNIA BLUMENAU A PARTIR DE 30 DE JANEIRO DE 1860. NO ANO DE 1864 SUBSTITUIU O DR. BLUMENAU NA DIREÇÃO DA COLÔNIA. AO VOLTAR DE UMA VIAGEM A GASPAR, FALECEU REPENTINAMENTE EM 13 DE JANEIRO DE 1881, HA 105 ANOS.

331 - RODOLFO SPENGLER  
RUA ALPINOPOLIS, 141  
BLUMENAU - SC  
89020-230

**A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES**  
A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Janeiro de 1996

Nº. 1

## SUMÁRIO

Página

A Fundação Mudou — Altair Carlos Pimpão .....	2
Verbetes para dicionário de história (2) — Theobaldo Costa Jamundá .....	3
Memórias de uma Imigrante .....	5
Figura do Passado — S. C. Wahle .....	8
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	10
Memória Histórica de Vitoriosa Colonização — Toni Vidal Ramos .....	12
Um luso-brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa .....	13
Registros de Tombo de Brusque (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	19
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta .....	22
Aconteceu... — Novembro de 1995 .....	24
Jubileu de ouro festejado pelos integrantes da turma de 1945 do Tiro de Guerra nº. 475 .....	26
Rodovia Ingo Hering — uma justa homenagem .....	27
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves .....	28
Cartas .....	29
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva - Gorges .....	30

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19  
Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 326-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

## À FUNDAÇÃO MUDOU

Nascida da Sociedade Amigos de Blumenau, que reunia um grupo de intelectuais blumenauenses, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" era a responsável pelo Museu da Família Colonial, pela Biblioteca Pública Fritz Müller, pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Parque Gráfico e Horto Florestal Edith Gaertner. Posteriormente, o então prefeito Wilson Kleinübing tirou a cultura da Secretaria de Cultura e Turismo, transferindo seus funcionários para o prédio da antiga prefeitura. Na reforma procedida, os responsáveis preocuparam-se com arquitetos, engenheiros civis e sanitaristas, mas esqueceram-se de prover a fundação com um quadro de pessoal em áreas importantes, como a própria gráfica. Era imperiosa uma nova reforma, pois a de 1992 foi inadequada e o próprio presidente da fundação da época, Pastor Frank Graf, verificou o problema e o deixou consignado na ata das reuniões do Conselho Deliberativo.

Graças a inestimável participação do Dr. Rogério Fiuza Lima, cedido pela Procuradoria Jurídica do Município, e, pela primeira vez ouvido os diretores e funcionários de chefia, pudemos pedir ao Prefeito Renato Vianna que encaminhasse o projeto de reforma administrativa à votação da Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau.

Depois de muitas discussões, inclusive com nossa presença naquela colenda casa legislativa, para explicar os objetivos da reforma, no dia 22 de dezembro de 1995 a maioria dos vereadores votou pela aprovação, sancionada no mesmo dia pelo chefe do executivo e publicada no Boletim Oficial de 30 de dezembro de 1995. Desde o início de nossa gestão já havíamos mudado a linha de trabalho. Com Elke Hering na presidência começamos uma ação visando a população dos bairros, política a que demos continuidade após o seu falecimento, em fevereiro de 1994, quando assumimos provisória e depois definitivamente a gestão da cultura em Blumenau. Deixamos de lado o paternalismo, pois acreditamos piamente que estamos na função para trabalhar pelas artes e não para os artistas. O apoio aos artistas deve vir através dos programas de divulgação da sua obra, das exposições, oficinas e de alguns eventos promotores do seu talento. É o que temos feito.

A Fundação mudou inicialmente de nome. Ela nunca funcionou na Casa do Dr. Blumenau, que, por sinal, não existe, motivo pelo qual seu nome oficial era escrito entre aspas. Do ponto de vista da comunicação social o nome era impróprio pois exigia sempre uma complementação explicativa, para que as pessoas soubessem o objetivo da mesma. Muitos até confundiam, achando que se tratava de alguma casa de saúde ou de atendimento à criança ou idosos carentes.

Agora não. Fundação Cultural de Blumenau diz tudo. O nome já informa que é uma fundação, que trata da cultura e que está em Blumenau. O endereço principal também mudou, já que o prédio principal do complexo, o edifício da Antiga Prefeitura, situa-se no número 161 da Rua XV de Novembro.

A Fundação Cultural de Blumenau, com as modificações feitas no seu lotacionograma, vai realizar concurso para museólogo, por exemplo, e assumirá o Museu Fritz Müller, que não lhe pertence e anda abandonado, devendo, em parceria com a Fundação do Meio Ambiente, dinamizá-lo com a instalação da Escola de Ecologia.

A reforma administrativa criou uma nova diretoria, de arquivos e museus, para a qual foi designada a Professora Sueli Petry, fazendo justiça a uma funcionária que há muito tempo vem dirigindo o arquivo histórico do município e realizando um trabalho reconhecido além fronteiras de Santa Catarina. Nas outras duas diretorias, cultura e administração e finanças permaneceram, respectivamente, a consagrada artista plástica Lygia Roussenq Neves e o experiente Valter Ostermann.

A reforma também trouxe a regularização do pessoal da gráfica, que há mais de 20 anos serve a comunidade imprimindo o Boletim Oficial e também a revista Blumenau em Cadernos, hoje a mais antiga publicação literária em circulação no país, com mais de 35 anos. Com a nova denominação e com o seu novo estatuto aprovado, a Fundação Cultural de Blumenau poderá ser um instrumento de difusão cultural e de criação de uma ampla base de cultura no Município de Blumenau.

Sabemos que sobretudo a alteração do nome não vai agradar aos mais conservadores, mas o homem público precisa ter a coragem de ações algumas vezes antipáticas, quando saiba que assim poderá alcançar melhor os seus objetivos em prol da coletividade.

ALTAIR CARLOS PIMPÃO

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau

# VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (2)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

## (1) Casa de enxaimel

A casa de enxaimel ou enxamel já era existente no Brasil antes dos europeus chegarem para a Colônia Blumenau. A técnica de construir no processo de enxameação já era praticada pelo caboclo fazendo a própria casa. Esta técnica de enxamear não é de um estilo arquitetônico ao modo do gótico ou do barroco.

A "Casa de barro", a "Casa de pau-pique", a "Casa de taipa", é construção produzida por enxameamento. — Debret (Jean Batiste, 1768-1848), Rugendas (Johann Moritz, 1802-1858) e outros as viram rebocadas e caiadas e as desenharam. Aquele pintor holandês que chegou em Pernambuco acompanhando Maurício de Nassau, chamado Frans Post (1612-1680) as deixou gravadas nas pinturas da paisagem humana pernambucana. **E com um detalhe, ele foi o primeiro a pintar paisagens brasileiras.**

A "Casa de enxaimel" dominante na área teuto-brasileira vem no resíduo de um tempo encerrado com o surto progressista provocado com a 2ª. Guerra Mundial (1939-1945); **hoje é bem cultural na qualificação de poucos e relacionada como construção aquém do moderno.** E nada mais que isso. — Às vezes o que a salva da destruição é um eufemismo: "Casa de alemão".

Raros ou mesmo raríssimos os que enxergam a "Casa de enxaimel" harmonizada na vida rural além da aparência estética: laboratório e oficina de uma felicidade bucólica, embora numa crua escravização ao trabalho e fé convicta. Menos ainda são os informados que na "Casa de enxaimel", quando dominante, viveram a vida familiar satisfeita com o painel de

comunidade bucólica, os que foram partícipes na transição da vida rural pura e a vida dominação industrial total. E que essa transição separou o agricultor da "Casa de enxaimel" do operário da fábrica residente no lote periférico. Foi aí que a "Casa de enxaimel" passou à Memória e carente do zelo da preservação.

Os que sabem pouco do bem pouco sobre ela. E não viveram nela funcionando num lote rural de 25 hectares: laboratório, oficina-lar, unidade de vida comunitária, chamam-na "Casa de alemão". (Sic) — Sabe-se por informação confiável que a construção de enxaimel (mesmo a existente na área territorial com raízes lá na Colônia de Blumenau) **não tem exclusividade teutônica.** Quem veio da europa foi a suficiência profissional do construtor e com ela manipulou com inteligência a abundância da madeira e do barro para tijolo. Engenhou o modelo e o executou. A própria funcionalidade da habitação na propriedade rural familiar, informa a originalidade na qual apareceu. **Sempre foi mais que apenas um elemento no cartão postal.**

## (2) Erwin Theichmann

De poucos não é um esquecido mas de muitos é um desconhecido. Está no mal com base na sucessão das gerações que não informadas pela escola de primeiro grau que também não sabem sobre Fritz Alt (1902-1968), Franklin Cascaes (1908-1983) nem pelo tão pouco preservado José Silveira D'Ávila (1924-1985) ou sente a ausência da presença estimulante de Harry Laus.

A arte de Erwin Theichmann foi um motivo para se ir à amável cidade de

Pomerode, SC, que também poderia ser divulgada como o chão onde viveu o talentoso Theichmann. Um entalhador maior na Arte brasileira com a marca catarinense e que teve a vida individualizada no período (1906 até que entrou para a imortalidade). Chegou ao chão brasileiro como menino de oito anos. No chão dos catarinas foi professor primário por concurso ao tempo do governo blumenauense de Alberto Stein. Estava como regente da escola de Testo Salto quando cumprindo o decreto-lei federal, o prefeito José Ferreira da Silva, o dispensou. Aí Deus mandou que passasse a fazer Arte como poderia e assim foi o que soube fazer e fez desfrutando aplauso e todas as imunidades privilégios dos artistas. E chueu sobre ele com sua arte transformadora de cedro, mogno e peroba-rosa em peças artísticas os elogios da crítica doméstica e da nacional.

Tirei daquele seu jeito de um homem de arte a amizade que me exaltou. E mais de uma vez no Conselho Estadual de Cultura comuniquei sua atividade de produtor de arte com um talento incomum, inserindo na comunicação voto de congratulação. Não o único interessado em divulgá-lo. Mas nunca o chamei de escultor: ele tinha o dom superior de criar com ferramentas que entalham, e não são elas os escopros que esculpem. Falaram dele também os comunicadores: Cirley Virginia Ribeiro (JSC, Blumenau, SC, 28.12.1985); Giovana Kindlein no mesmo jornal em 01.08.1986; a revista "Visão" de circulação nacional, na edição de 22.05.1985; in: "O Estado" (Florianópolis, SC, 14.04.1985) mereceu crítica apologética. E em nível nacional o crítico Osvaldo Teixeira em palavras lhe colocou coroa de louros. A glorificação aconteceu em 1º.10.1945.

Findava a década de oitenta, exatamente, era o dia 02 de março de 1988. Visitei-o depois de sua caminhada desintoxicante realizada toda manhã sem chuva. Ofereceu-me acolhimento estimulador de mansa amizade antiga. Conversamos como duas criaturas maduras. Senti do

atelier-oficina a ambiência mística ali a madeira recebia a simbolização de uma forma e passava a ser a peça de sua arte. Dominava o ambiente a Ceia do Senhor, obra dependente de capacidade artística superior. As figuras dos apóstolos me dominaram todo o tempo, as senti como se me oferecessem naco de pão e gole de vinho. Os golpes de formão deram a Judas a identidade plástica do traidor, como os entalhes das goivas apresentam Jesus na tolerância infinita. E para que aquele minuto no mundo-lar de Erwin Theichmann me ficasse gravado para sempre, decorei o ar de riso no jeito singular e autêntico de "frau" Theichmann: uma dona de casa no figurino comum e pomerodense e recopiado do original lá dos ídos (muí idos) tempos da Colônia Blumenau.

E tudo que me rodeiou soltou-me a palavra. Entretanto quem mais falou foi ele no relatoramento das entalhações assim e assado, por isso e por aquilo e até enxertando que era naturalizado brasileiro com o título declaratório datado de 28 de novembro de 1947. Para mim tivesse a nacionalidade alemã seria o mesmo. Era um artista de conceituação nacional e o seu acervo artístico está na universalidade da arte. Tivesse nascido em Sumátra ou no México ou no Bodocó sertão do meu Pernambuco. Ele vivia a personalidade definida, consistente, de ser Erwin Theichmann no uso do talento superior que Deus lhe deu. Deu e instruiu que o produto desse talento nem a Morte o matasse.

Quando perguntei sobre dois dos seus momentos inesquecíveis na escalada dos sucessos, respondeu-me sem pestanejar, embora olhando a "Ceia do Senhor": (1) ter sido hóspede do comandante de uma unidade do Exército brasileiro, localizada na periferia de Curitiba, PR, no lugar Tindiquêra. Nela era praticada a medicina veterinária de interesse militar. E por que precisasse de estudar ao vivo os equinos. Aquela hospedagem lhe deu a oportunidade de ficar sendo conhecido como o entalhador das melhores peças flagrantes de

um equino exibente do vigor e da elegância. (2) segundo momento, foi a recepção que ele e outros de uma comissão mereceram do governador dos catarinenses, Jorge Lacerda. Esperavam entrar no gabinete pisando em ovos e ouvir o governador como no império os plebeus escutavam o imperador. E sentiram-se no palácio do governo (ainda não chamado de Cruz e Sousa) como comparecessem a uma reunião de gente conhecida e o

mais aberto na conversa era, exatamente, o dr. Governador. — Explicaram por que queriam que Rio do Teste voltasse a ser Pomerode. E tudo aconteceu com simplicidade tão natural, que não tiveram a palavra certa para agradecer. E saíram do encontro certos de duas verdades: uma, que o dr. Jorge era um amigo; e a outra que teriam de volta o nome Pomerode na sede. E tiveram.

#### BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

P. H. KELLER, Joinville na Arquitetura, Centenário de Joinville (1851), GÜNTER WEIMER, A Imigração alemã e sua arquitetura in "Boi de Mamão", FCC., Fpolis, SC, JOAQUIM DE SOUSA-LEÃO, filho, Frans Post (1948). Entrevista oral com Erwin Theichmann.

## Memórias de uma Imigrante

### (PARTE I)

**Maria Schürmann Huber** viveu desde sua chegada ao Brasil (1924) no Vale do Itajaí (em Rio do Sul). Vive atualmente, com 84 anos, no Rio de Janeiro. Essas reminiscências foram extraídas do seu Livro de Memórias, (cuja escrita iniciou em 1978 escrito em alemão) e traduzidas para o português por sua filha Valburga Huber.

Quando eclodiu a 1<sup>a</sup>. Guerra Mundial, na qual meu pai lutou os 4 anos, eu tinha 3 anos de idade, numa família de cinco filhos que morava em Hamborn — Maxlo — atualmente Duisburg — na Renânia (Pai: Theodor Wilhelm Schürmann; mãe: Anna Hennewig Schürmann; irmãos: Wilhelm, Theodor e Alfonsa). No último ano da guerra mudamos para a casa de meu tio, dono de uma padaria numa cidadezinha próxima a zona rural, pois assim nos era possível obter, um pouco mais facilmente, os escassos alimentos. A cidade-

zinha chamava-se Schermbeck, cidade natal de minha mãe e ficava na Westfália, bem na fronteira desta com a Renânia, e tinha quase 200 anos. Meu pai nasceu em Epinghofen, também às margens do Reno. Lembro-me de quando visitávamos uma tia que habitava na outra margem do Reno, o qual atravessávamos numa balsa. Num desses passeios o cabo desta balsa se rompeu e fomos resgatados por um vapor que passava, que bateu num navio maior. O Capitão deste irritou-se alegando que estávamos sujando a pintura fresca do seu barco!

Eu freqüentava a Marienschule, em Hamborn escola na qual meu pai começou sua carreira de professor de matemática. Ele havia começado a lecionar nesta escola quando a cidade ainda era uma aldeia, mas em 15 anos ela se transformou numa cidade grande devido a exploração do carvão de pedra. Na cidade havia cinco usinas e depois surgiram as metalúrgicas, gasômetros, os altos fornos e assim assistimos ao surgimento de uma cidade industrial, com grande número de

escolas.

No Reno navegavam imensas cargas de minério puxadas por um pequeno vapor. De toda Europa vinham trabalhadores para as minas. A nossa casa apresentava grandes rachaduras por causa das perfurações das minas que ficavam a 5 minutos de distância.

Morávamos na última rua do nosso bairro chamada Bachstrasse, mais próxima a um riacho, onde já começava outra cidade: Aldenradel. Neste riacho existia um moinho de água que desapareceu quando o mesmo foi desviado para um canal. Além disso o moinho passou a ser movido por eletricidade. Perto de nossa rua havia três pontes superpostas: uma sobre o canal, a segunda para o trem federal e a terceira para um trem industrial. Logo atrás do canal situava-se um colégio de freiras, onde aprendi a bordar, mas na escola pública aprendia-se também a tricotar e a costurar a mão. Na minha escola havia dezesseis classes e o curso primário durava oito anos e duas classes eram só para meninas. Em frente ficava a Peterschule, com igual número de classes, só para meninos, na qual meu pai veio a lecionar mais tarde. No inverno as aulas terminavam mais cedo para as meninas do que para os meninos, para se evitar a guerra de bolas de neve no caminho para casa. Nas redondezas havia também uma grande lagoa chamada Schwelgern. Sobre ela se patinava no inverno e também andava-se de trenó. Certa vez, quando ela ainda estava completamente congelada, um menino nosso vizinho, caiu na lagoa e só foi salvo na 3ª. vez em que emergiu. Era o único filho de uma família que perdera três filhos em tenra idade.

Na Revolução Comunista (de Rosa de Luxemburgo) nós abrigamos cinco famílias em nosso porão, além de dois inquilinos e vizinhos que não possuíam um porão seguro. Foi quando minha irmã menor teve pneumonia e por sorte nossa casa só foi atingida 14 vezes por disparos menores, mas nosso vizinho foi atingido

por disparos pesados e duas pessoas morreram no dia do seu noivado. Minha prima, que tinha ido às compras também não conseguiu voltar para casa e teve que ficar algum tempo conosco, na Semana Santa. Meu pai queria ir a escola lecionar mas a polícia obrigou todos a voltarem para casa, pois já havia mortos nas ruas. Por precaução, sempre tínhamos alimentos guardados na dispensa para enfrentarmos alguma situação imprevista, o que se revelou muito útil quando estourou a revolução. Meu pai já alimentava idéias de **emigrar**, mas não o fez para não causar tristeza a minha avó, já bem idosa, levando sua filha (minha mãe) para terras distantes. Só o fizeram alguns anos mais tarde, quando ela já não vivia (meu avô já havia morrido há muitos anos). Não conheci meus avós paternos, sendo que morreram de tuberculose meu avô, dois irmãos de meu pai, além de uma prima minha, visto que a doença na época não tinha cura. Meu pai sempre contava que na sua aldeia, quase cada família tinha perdido uma ou duas pessoas por esta enfermidade e por medo de contágio jamais nos levava a restaurantes, onde os copos não eram rigorosamente lavados. Ele também sempre nos alertava, ao lermos num livro, que não molhássemos o dedo na boca pois poderíamos ser infectados por algum doente que tivesse lido o livro antes. Ele ficara bastante traumatizado com as perdas de tantos familiares com tuberculose. As vezes, já no Brasil, ele comentava que meu segundo irmão (Theodor) também teria morrido desta doença se tivéssemos ficado na Alemanha — e aqui no Brasil ele morreu relativamente jovem (com 54 anos) com complicações da anemia. Meus outros irmãos vivem ainda, sendo que meu irmão mais velho, Wilhelm, em Blumenau, minha irmã Alfonsa (freira da Congregação da Divina Providência — Chamada Irmã Evarita) em Florianópolis e meu irmão mais novo, Josef, em São Paulo. (Ano: 1978).

Nossas férias na minha infância, na Alemanha, nós passávamos quase sem-

pre em Schermbek, cidade natal de minha mãe, que era pequena mas antiga e tinha uma rua famosa que a cruzava, que ia de Münster a Wesel, que fora construída por Napoleão na sua guerra de conquista da Europa.

Em 1976 voltei — com minha filha Maria Tereza — a minha pátria e a minha cidade natal pela primeira vez, depois de 50 anos! Tudo me pareceu incrivelmente familiar, depois de tanto tempo, com uma prima morando na casa dos meus avós maternos, que eu visitei tantas vezes na minha infância. Esta prima é a filha de meu tio materno, de uma família de 9 irmãos — 7 meninas e 2 rapazes. Minha mãe tinha 3 irmãos e uma irmã. Uma de minhas tias era minha madrinha e viveu até os 92 anos enquanto seus irmãos morreram bem mais jovens. Minha mãe chegou quase aos 80 anos quando morreu, em Blumenau.

A **causa da emigração** do meu pai estava ligado a sua visão de que tudo estava muito estreito, apertado na Alemanha e que no Brasil teríamos mais espaço no que ele tinha total razão. Os primeiros tempos que vivemos no Brasil não foram fáceis, pois ele, como professor e intelectual, foi morar na mata virgem — em Serrinha — Mosquito Grande (próximo ao Rio do Sul) e não tinha contato com outras pessoas cultas, com quem pudesse conversar. Ele era de corpo e alma um professor e logo começou a dar aulas a um grupo de crianças da localidade, já que naquele tempo, não existiam escolas nas "Tifas" mais distantes. Com a ajuda de alguns colonos mais antigos, ele construiu uma casinha, que servia de escola onde ele lecionava. Alguns anos mais tarde, na década de 30, mudamos para uma cidadezinha próxima — Rio do Sul — que

chamávamos naquele tempo de "Südarm", ou seja, Braço do Sul. Também ali dava aulas particulares, inclusive inglês, pois além de professor de matemática — a matéria preferida — ele sabia várias línguas. Por ter problemas de audição, ele se aposentou mais cedo na Alemanha por não poder lecionar para turmas grandes. Ele tinha um espírito altamente empreendedor, que o levou a construir uma serraria, que não teve sucesso por lhe faltar o lado prático justamente, embora a madeira fosse abundante na região. Ele gostava de trabalhar no campo, na roça, o que ele já apreciava na Alemanha onde, nas férias, ajudava seu irmão na colheita do trigo e outros cereais pois este irmão, além da padaria, também tinha pequenas plantações. Este irmão foi curado da tuberculose com muito descanso e excelente alimentação mas de sua família de 5 filhos, só sobrevive um neto, os outros morreram cedo, inclusive uma filha que morreu depois do nascimento da primeira criança. Assim o nome da família do meu pai, **Schürmann**, que fossem nossos parentes, praticamente desapareceu na Alemanha mas o nome continua vivo no Brasil com quase uma dezena de netos do velho professor, meus sobrinhos. Alguns moram nas terras que meu pai comprou ao chegar no Brasil. ;

Serrinha, em Mosquito Grande, é uma região bonita, onde passei anos da minha juventude quando ainda solteira e também depois do meu casamento. Quando plantávamos milho, na roça de capoeira recém-queimada, cantávamos cantigas, cantos alemães, pois todos na minha casa gostavam de música e tínhamos também instrumentos musicais. Na Alemanha, tínhamos um piano cuja venda fez minha mãe chorar, pois embora não tivesse talento para música, adorava ouvi-la.

## FIGURA DO PASSADO

(EM CAPÍTULOS)

### CARL WAHLE - um nome ligado à história de Blumenau

(V) (Final)

S.C. Wahle - 1995

Como cidadão alemão que naquela época ainda era, o meu pai soube comportar-se. Por meu intermédio, pois no Laboratório da Produção, trabalhava um advogado que também exercia atividades no Ministério da Justiça, requereu o título declaratório. Este título representava uma gratidão do Brasil àqueles que tinham tempo de permanência, bens adquiridos no Brasil e filhos brasileiros.

Mesmo tendo tido sempre a preocupação de dar aos filhos uma educação de cidadão brasileiro, e já de posse do título declaratório, houve assim mesmo ameaças de arruaceiros empastelar a loja. Felizmente não aconteceu.

As opiniões de meu pai sobre o andamento da guerra, sempre foram as mesmas. Mesmo no auge das vitórias alemãs, era cauteloso e não acreditava na sua vitória final. Tinha porém uma preocupação pelo futuro da Alemanha, uma vez derrotada, que julgava inevitável, uma total destruição.

Com o término da guerra veio o grande desapontamento de meu pai, ao constatar que a oficina gráfica estava obsoleta e que dificilmente poderia competir. A minha mãe não se conformava em

ver o trabalho de uma vida, de repente reduzido à absolência.

Ela insistiu com o meu pai para trazer-me para o negócio. Nesta oportunidade eu trabalhava na Goodyear do Brasil em São Paulo.

Os meus pais vieram a São Paulo em companhia de minha irmã caçula Isolde, para fazer compras para o enxoval de seu casamento próximo. Nesta oportunidade, convidaram-me para vir à Blumenau, onde queriam conversar comigo.

O meu pai permaneceu reservado e foi a minha mãe quem conduziu a conversa. Ponderei que não valeria a pena voltar à Blumenau, pois haveria a necessidade de um certo volume de dinheiro não só para atualizar o parque de máquinas, como teria que ser providenciada uma nova área física, que representaria uma nova edificação para acomodar o maquinário.

A minha recomendação foi desfazer-se inicialmente da oficina e posteriormente da loja. Assim com o aluguel e o dinheiro das vendas poderiam os dois ter um seguro fim de vida. Realmente, pouco tempo depois apareceu uma firma de Porto Alegre, que apresentou uma proposta, houve ne-

gociação sobre os valores, chegou-se a um entendimento e a tipografia foi vendida. Meu pai ficou profundamente penalizado pois, foram vinte anos de atividades que repentinamente viu riscado da vida e ainda havia os empregados, que praticamente trabalharam durante a existência da tipografia, como Leopoldo Rousencq, Arnol-do Seibel, Genésio, e outros.

Meu pai ficou com a papelaria e livraria, mas, a idade já estava fazendo-se sentir. O entusiasmo não era mais o mesmo e em 1956 vendeu a papelaria e a livraria. Daí passou a viver somente dos alugueis da loja.

Foi nesta época que passei um ano em Blumenau, e ele vinha quase semanalmente uma vez a nossa residência. Como eu trabalhava, ele ficava conversando com a Gisela, e nestas ocasiões, anotações foram feitas. Um dia, muito discretamente, deixou um caderno de cerca 100 folhas de anotações rabiscadas, com uma letra que só os familiares entendiam. Um dia disse-me que nunca pensara que fosse tão difícil viver sem trabalho rotineiro. Isto levava a crer que a gente se transforma num saco velho de limpar o chão e onde todos vinham limpar a sola do sapato.

Certa ocasião, falou comigo sobre os bens do casal, quando recomendou que caso ele venha a morrer antes de minha mãe, nada em casa mudaria e tudo o que ficasse, pertenceria exclusivamente a ela. Com respeito a coleção de livros sobre a Guerra do Pa-

raguai, disse que gostaria que ela passasse completa para uma instituição, somente após a morte de minha mãe. Sugeriu a biblioteca que estava sendo organizada por José Ferreira da Silva. Tudo foi feito de acordo com os desejos dele.

Um dia ao acordar, sentiu grandes dores no peito, e o médico diagnosticou angina pectoris. Após alguns dias de tratamento, parecia melhorar bem, quando o médico advertiu-nos que este tipo de angina pode ser traiçoeiro, pois é muito comum uma seqüela de derrame cerebral.

Carl Wahle faleceu de derrame cerebral em onze de novembro de 1957, rodeado por todos os seus familiares. Ele foi um homem simples, modesto e humilde. Um bom marido e bom pai de família. Era estimado por todas as classes. Respeitava todas as cores e todas as religiões.

A coleção de livros da Guerra do Paraguai, foi doada a Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Mueller" por intermédio de José Ferreira da Silva, solicitando ao mesmo que estes livros fossem colocados em uma estante a prova de enchente. Pessoalmente estive em Blumenau e vi que a uma seção histórica foi dado o nome de Carl Wahle. Fiquei profundamente decepcionado ao passar por Blumenau em meados de janeiro de . . . 1994, sendo informado por uma atendente, que parecia a ela, que esta coleção tinha sido destruída pela enchente.

## OS ÍNDIOS NA LEI, NAS LETRAS E NAS ARTES, INCLUSIVE EM SANTA CATARINA

Sílvio Meira é um intelectual sério e compenetrado, cujas obras são sempre primorosas. Acabo de ler dois de seus mais recentes ensaios, ambos reveladores de grande erudição — «Rui Barbosa na Constituição de 1988» e «Romanismo e Indigenismo dos Juristas Latino-Americanos», este último, por coincidência, entrelaçado com o tema que abordei em artigo anterior, nesta mesma coluna, na parte relativa aos índios que povoaram o Oeste de nosso Estado, os caingangues.

No primeiro ensaio o autor submete nossa atual Carta Magna a um crivo rigoroso e sistemático, extraindo de seu texto tudo que foi sugerido ou inspirado pelo pensamento de Rui. Com visão aguda, capaz de enxergar o que outros não têm acuidade intelectual para ver, ele extrai conclusões surpreendentes, mostrando que a Constituição, nos pontos essenciais, se baseou nas boas fontes ruibarboseanas, não sendo de forma alguma o monstro pintado pelos interessados em desfigurá-la. «A presença do pensamento de Rui está sempre viva» — afirma ele.

No segundo ensaio, igualmente primoroso, faz uma longa viagem pelo Direito latino-americano, antigo e atual, buscando encontrar as influências **romanas** e **indígenas** nas legislações dos diversos países de nossa América. Mostra que em alguns deles a influência das leis e costumes indígenas foi maior que no Brasil, onde preponderou o romanismo. «Enquanto, nas artes e nas letras, os sofrendores indígenas recebiam a consagração mundial, nos domínios do Direito é de pequena expressão, no Brasil», arremata o ensaísta.

Para fundamentar suas conclusões, abrindo o leque das pesquisas, vasculha o que produziu nosso **indigenismo** ou **indianismo** nas letras, nas artes e na Ciência Jurídica. E aí se poderia incluir, como mais uma possível e valiosa fonte, o trabalho que vem realizando a UNOESC — Campus de Chapecó, em parte reunido no livro «Para uma história do Oeste catarinense» (1995). Entre inúmeros outros aspectos examinados, seus autores fazem profunda incursão na vida social dos caingangues, seus costumes, leis, filiação, nome, casamento, poder civil e religioso, uso da terra, família, parentesco etc. Daí poderiam emergir eventuais normas transplantadas ao nosso Direito.

Devo lembrar, por fim, que o Procurador da República Jorge Me-deiros da Silva, amigo saudoso, escreveu diversos ensaios sobre os indígenas e o Direito, publicados na revista «Justitia», do Ministério Público paulista.

### JUBILEU DE PRATA

Comemorados festivamente os 25 anos da Editora do Escritor, em

novembro. Foi lançada a antologia comemorativa «Livro de Prata», com grande presença de público e expressiva vendagem. Realizou-se também um encontro dos editados na sede da Editora, no antigo Edifício da Paz, no «centro velho» da Paulicéia. E houve, por fim, um almoço festivo com a presença de escritores de vários pontos do País. Com mais de 600 títulos editados e forte atuação na vida cultural, a aniversariante tem publicado diversos catarinenses. Como um dos primeiros, eu não poderia estar ausente.

#### «ABAPORU»

Provoca polêmica na imprensa a venda do quadro «Abaporu», de Tarsila do Amaral, um dos símbolos do Modernismo, ao colecionador argentino Eduardo Costantini. Nunca uma pintura nossa havia alcançado tal cotação (US\$ 1,3 milhão), mas isso não consolou os que desejavam que ela ficasse no Brasil, a cuja história cultural está tão intimamente ligada. Para outros, essa é a prova da maturidade de nossa arte, capaz de disputar lugar destacado no cenário artístico internacional.

#### U. B. E. — S. C.

Em movimentada assembléia realizada no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, foi criada a União Brasileira de Escritores — Secional de Santa Catarina. Compuseram a diretoria escritores de todas as regiões do Estado e coube a presidência à professora Leonor Scliar Cabral, da UFSC. Vamos esperar que a entidade vingue e realize alguma coisa de útil em favor de nossos escritores e sua obra.

#### VARIADAS

Lançado o livro «O Vôo da Morte», de Francisco José Pereira, biografia romanceada do político Nereu Ramos. \*\*\* Circulou o número 15 de **Ô Catarina!**, com variada matéria literária e agora em papel de melhor qualidade. \*\*\* «Antiques», conhecido espaço de arte da Capital, promoveu seu terceiro leilão de antiguidades e tapetes orientais, com grande sucesso. \*\*\* A Universidade do Contestado (UnC), Campus de Canoinhas, promoveu exposição de fotos de Joi Cletison e comemorou os 25 anos de sua fundação com solenidades e concerto musical. \*\*\* Circula mais um número da «Revista de Informação Cultural», editada pela FURB, com apresentação cada vez mais esmerada. \*\*\* Com vários eventos, a Academia Catarinense comemorou seus 75 anos de fundação, promovendo jantar, homenagens e premiações. \*\*\* A Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Santa Catarina, inaugurou sua sede própria, em belo prédio situado à Avenida Beira-Mar Norte, na Capital. \*\*\* Victor Peluso é retratado em excelente crônica de Odilon Nogueira de Matos no mais recente número da revista «Notícia Bibliográfica e Histórica», da PUC de Campinas. \*\*\* Está nas ruas mais um catálogo da Leart com magníficos títulos para os bibliófilos.

## SÓ O AUTÓGRAFO

Convidado para lançar meus livros numa de nossas cidades, apaguei os pacotes e lá me fui. Seria depois da solenidade de inauguração das novas oficinas do jornal local. Seguiram-se os discursos, o coquetel começou a rodar e dei alguns autógrafos. Foi então que apareceu um rapaz, bastante jovem, trazendo nas mãos um exemplar de livro meu, publicado em 1982 e reunindo ensaios sobre Lima Barreto. Aproximou-se meio tímido, deu o nome e pediu um autógrafo. O exemplar do livro demonstrava manuseio, estava até meio seboso e continha traços, rabiscos e anotações nas margens das páginas. Parecia um livro muito lido. Quando o peguei, percebi que tinha um defeito de impressão na capa. Alguém, ali por perto, sugeriu que eu enviasse outro, pelo correio, substituindo o exemplar defeituoso. Mas o moço não concordou: gostava daquele tal como era, estava familiarizado com ele e só queria o meu autógrafo. Atendi ao seu pedido, caprichando na dedicatória e na assinatura. Ele leu, gostou e agradeceu. Em seguida, com o livrinho enebado em baixo do braço, foi no rumo do garçon mais próximo.

## Memória Histórica de Vitoriosa Colonização

### EMANCIPAÇÃO DA COLÔNIA SANTA ISABEL-THERESOPOLIS (SIC)

Toni Vidal Jochem (\*)

(Continuação do nº. anterior)

Um ano mais tarde, aos 28 de maio de 1869, o Governo Provincial de Santa Catarina recebia o aviso de emancipação das Colônias Santa Isabel e Theresopolis (sic) do Ministério da Agricultura. Estava assim consumada a predição do Dr. João José Coutinho, então Presidente da Província, em março de 1851. Consideração merece o fato de que a Colônia, em termos reais, não estava "tão florescente" conforme previsão do citado Presidente. Eis a íntegra do referido "aviso":

**"Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura e Obras Públicas, em 28 de maio de 1869.**

Ilmo. e Exmo. Sr.

Achando-se as colônias de Theresopolis e Santa Isabel nas circunstâncias de serem emancipadas, ficando os seus habitantes sujeitos à legislação comum às demais povoações do Império, recomendo a V. Ex. que mande desde logo declarar

destituídos os diversos empregados que ali servirão, cessando todos os seus vencimentos e, conjuntamente arrecadar com as formalidades competentes, os arquivos desses estabelecimentos e todos os objetos pertencentes à Fazenda Pública. E como é indispensável que se tome com urgência as medidas concernentes à manutenção da ordem e segurança pública nessas povoações assim como as que fcrem mister aos seus interesses e compromissos à saúde pública, ao culto e à instrução, deverá essa Presidência aplicar a esse fim os meios que estejam a esse alcance, recorrendo à Assembléia Legislativa Provincial a respeito daqueles que da mesma dependerem. Quanto às dívidas dos colonos é mister V. Ex. cometa à Tesouraria da Fazenda a sua liquidação pela maneira mais conveniente ao Tesouro Nacional e aos próprios colonos, cujas circunstâncias devem ser cuidadosamente atendidas. Ave-

riguando as necessidades mais urgentes das ditas povoações, indicará a este ministério as providências mais acertadas para seu provimento, tomando desde logo as que estiverem compreendidas em suas atribuições. Confiando no zelo de V. Ex. espero que fará, quando possa, concorrer para o melhor desempenho das vistas do Governo neste assunto.

Deus guarde V. Ex.

Joaquim Antão Fernandes Leão

Sr. Presidente da Província de Santa Catarina". (37)

Em seguida, o Presidente da Província enviou uma cópia do referido "aviso" do Ministério da Agricultura aos respectivos Diretores das Colônias Santa Isabel e Teresopolis (sic), encarregando-os de "fazer saber aos empregados dessas colônias que ficam desde já considerados exonerados dos seus respectivos empregos" (38)

Obedecendo à ordem expedida pelo Governo Imperial aos 11 de junho de 1869, o Presidente da Província de Santa Catarina, Carlos Augusto Ferraz de Abreu, através da Lei nº. 628, emancipa a Colônia, conferindo-lhe status de "freguesia" ou seja, a emancipação eclesiástica. Eis o teor da referida Lei:

"Lei nº. 628, de 11 de junho de 1869.

Cria uma freguesia, com a invocação de Santa Isabel, no território das Colônias

de Teresópolis e Santa Isabel.

Carlos Augusto Ferraz de Abreu, Presidente da Província de Santa Catarina:

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Resolução seguinte:

Artigo 1º. — Fica criada uma freguesia, com a invocação de Santa Isabel no território das Colônias de Santa Isabel e Teresópolis, ora emancipadas, precedendo as licenças do Prelado Diocesano.

Artigo 2º. — Fica o Presidente da Província autorizado a estabelecer, provisoriamente, a sede da freguesia onde julgar mais conveniente, bem como fixar-lhes os limites, sujeitando esses atos, oportunamente, à aprovação da Assembléia; revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Governo da Província de Santa Catarina, aos onze dias do mês de junho de mil oitocentos e sessenta e nove, quadragésimo oitavo da Independência e do Império."

L. do S.

## UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

### O magistério

Ser professor era uma tradição em nossa família: minha avó paterna dava aulas de pintura a óleo; meu avô paterno era professor de música, ensinava a tocar qualquer instrumento de sopro; minha mãe era professora de piano; minha tia Lívia, que hoje ainda vive em Ponta Grossa, era professora primária formada; e meu pai dava aulas de contabilidade a particulares e no Curso de

Comércio do Colégio Santo Antonio.

Desde cedo, meu modo de estudar era tentar chegar à expressão mais simples do assunto em foco, para assim ser mais facilmente assimilado. Essa minha tendência natural comecei a transmitir aos outros colegas de classe, primeiramente, depois mais tarde a colegas de serviço que me pediam para dar aulas de

recapitulação de matérias em que estavam em dificuldades. No começo eu não cobrava nada, mas depois quando aumentou o número de alunos, comecei a fazer preço para aquelas horinhas que me davam mais prazer do que cansaço. Reuni então o útil ao agradável.

Em 1950, quando eu ainda estava cursando o terceiro ano de Contabilidade no segundo semestre, fui convidado por Frei Ernesto Emmendoerfer para lecionar matemática na quarta série do ginásio, atual oitava série do primeiro grau do Colégio Santo Antonio. O professor titular, Professor Germano Süsserger, tinha ido à Alemanha nas férias de julho e não pudera voltar a tempo para reassumir. Havia duas quartas séries: a dos alunos externos e a dos internos. Deram a dos externos para o Professor João José Klein e para mim coube a dos internos. Talvez por pensarem que, sendo eu menos experiente, seria mais fácil manter a disciplina entre os internos. Naquele tempo, os professores davam aulas de terno completo e gravata. Não se concebia um mestre dar aulas de bermudas e camiseta de malha. No dia combinado, de manhã cedo, lá estava eu, de traje completo, pronto para iniciar a minha tão almejada carreira de professor. Nervoso como todo o principiante, mas com a aula bem preparada de antemão. Substituir o Professor Germano não iria ser fácil, pois ele era uma verdadeira máquina de ensinar: repetia até a exaustão, até todos terem compreendido, o mesmo texto, com a mesma inflexão, as mesmas pausas, o mesmo sotaque, que quase não tinha, ape-

sar de alemão nato. Usei, então, técnica diferente. Iria ensinar a fórmula de resolução das equações de segundo grau, inventada pelo matemático hindu Bhaskara. Comecei contando a vida na Índia no tempo em que Bhaskara viveu, uma pequena biografia e por fim como chegou pelo raciocínio à fórmula a ser ensinada. Meu manual de ensino chamava-se "Maravilhas da Matemática, de Lancelot Hogben. Creio que nenhum daqueles alunos já tinha estudado matemática sob aquele ponto de vista. A maioria dos rapazes era de Itajaí, pois naquela cidade ainda não existia curso que fosse além do complementar. Foi uma bela experiência que se acabou com a volta do Professor Germano. Os anos de 1951 e ... 1952 foram sem atividades de professor em colégios. Preparei candidatos para concursos e ainda dava aulas particulares de recapitulação. Até latim cheguei a lecionar naquela época.

Logo no início de 1953 comecei a lecionar contabilidade geral no curso de Comércio do Colégio Santo Antonio. Procurava explicar os mistérios do débito e crédito e das partidas dobradas por meio da matemática, abandonando a escola personalista. Meu pai foi assistir escondido, por fora da janela, a um pedaço de minhas primeiras aulas para ver se eu levava jeito, se eu não gaguejava, se eu sabia me impor. No início, eu me defendia do comportamento abusivo de um ou outro procurando atingir diretamente o indivíduo causador, chegando a ofender até os respectivos pais. Isto, porém, causava muita revolta até entre os que não tinham nada a ver com o inciden-

te. Expulsei um aluno da sala de aula para dar o exemplo. Foi o único em toda a minha carreira de professor. Não melhorou meu relacionamento. Mudei de tática. Cada vez que alguém se comportava mal eu fazia um sermão ressaltando a diferença entre o homem e os animais, o papel do homem no universo, o valor do auto-domínio, etc. . . . Os resultados foram surpreendentes.

Assim fiquei por seis anos, até 1959, quando meu pai teve um problema de saúde e eu tive que assumir suas aulas de Contabilidade Bancária no mesmo Colégio. Passei da Contabilidade Geral para a Bancária. Não foi difícil a mudança. Eu trabalhava durante o dia no Banco do Brasil, no Cadastro, nem via lançamentos contábeis, e à noite ensinava os intrincados mistérios das Carteiras de Câmbio, Descontos, Empréstimos, Caução. Para me substituir na Contabilidade Geral, veio meu aluno Marcos Henrique Buchele.

Desde o meu curso primário e ginásial até o curso superior, eu costumava prestar muita atenção aos métodos de ensino que meus professores usavam. Tive muito bons exemplos, como o de meu professor de matemática, Frei Reginaldo, que nos guiava pelos meandros das fórmulas, equações e demais operações. Frei Odorico Durieux, nas poucas aulas de português que com ele tive, deu-nos uma brilhante idéia como pode ser interessante uma aula de nosso idioma oficial. Frei Fulgêncio, com seus gráficos, esquemas e diagramas que acompanhavam os desenhos no quadro negro, que primavam pela clareza. Isto fui encontrar no curso superior nas

aulas cativantes do Professor Orlando Ferreira de Mello. Em compensação tive nos primeiros anos de ginásio, professores que "matavam" a aula a qualquer pretexto. Um deles chegava no início da aula e perguntava: "Quem quer dar a lição?" Só um e sempre o mesmo aluno se apresentava espontaneamente, levantava-se e repetia a lição decorada. Em seguida perguntava o mestre: "Quem mais quer dar a lição?" Ninguém apontava o dedo. "Já que ninguém quer dar a lição, também não vou dar aula! Podem fazer a lição de casa!" E nós ficávamos fazendo outras coisas, jogando batalha naval, enquanto o mestre ficava fumando seu toco de charuto. Como era toda a aula a mesma coisa, era de se perguntar: E as notas mensais? O mestre fazia uma sabatina no primeiro mês de aula e dava a nota. As outras, que realizava pontualmente no fim de cada mês, recolhia e não corrigia, ou melhor, dava sempre a mesma nota que fora obtida na primeira sabatina. Isso ia até o fim do ano. Azar de quem se saísse mal na primeira. Outro, então, dava mais importância ao bloco de frequência e de termos de infrações disciplinares do que à matéria que deveria lecionar. Outro ainda sentava-se à mesa e simplesmente lia o livro manual e a matéria era considerada dada. Na Faculdade de Direito, tive um professor que antes de começar com um assunto, perguntava aos alunos para que eles dessem definições de coisas que eles nunca tinham visto. Quando eles respondiam, claro que respondiam errado, o mestre ficava rindo e debochando dos infelizes e humilhados, pobres

ignorantes perante aquela sumidade do saber.

No começo eu ficava sempre de pé, parado na frente dos alunos, comentando a matéria, procurando explicar do mais simples para o mais complexo. Cuidava muito da jesticulação, principalmente das mãos, da entonação, da articulação das palavras e, como eu tinha tido problemas de gagueira quando criança, prestava especial atenção à respiração (só começava a falar com o pulmão cheio) e também o ritmo da fala. Depois passei a me deslocar e a utilizar mais o quadro, utilizando esquemas, organogramas e até mesmo desenhos. Não perdia muito tempo com divagações e derivações inúteis. Depois de algum tempo, comecei a achar que poderia deixar a aula mais leve, fazendo comentários e alusões sobre assuntos atuais, referentes à matéria. Como ainda não tínhamos televisão em Blumenau, usava assuntos do rádio, jornal, do quotidiano. Uma vez ou outra piadas, das quais notava que os alunos faziam o possível para achar graça e contentar o professor. Procurei sempre não ridicularizar raça, nacionalidade, religião ou defeito físico. Como cheguei à conclusão de que minha figura era um tanto engraçada, comecei a usar as minhas próprias experiências, minhas gafes, minhas observações contadas de maneira jacosas. Dessa maneira, conseguia sempre arrancar risadas durante as aulas. O papel do professor deve ser realmente o de um ator ou animador de auditório, cuja função é atrair a curiosidade e a atenção do aluno para a matéria que se propõe a ensinar, observando, é claro um mínimo de dignidade e

grande capacidade de auto-crítica. Importantíssima, também, a constante atualização e acompanhamento das tendências de opinião, alteração dos costumes e modismos da sociedade. E ainda mais, o professor tem que gostar da matéria que ensina. Por outro lado, não é conveniente exagerar, tentando inventar métodos extremamente revolucionários, que rompam totalmente com as regras de conduta tradicional. Houve casos de colegas que romperam com tudo o que havia antes e se lançaram em novidades tantas, que tiveram que ser destituídos para o bem estar geral. Lembro-me do Ozy Rodrigues, que usando marketing eleitoral, em um ano de atividades conseguiu ser paraninfo da turma que se formava naquele ano. Resta saber se foi assimilada a matéria que ele se propusera a ensinar.

Outro problema com que me defrontei foi a elaboração de método de ensino para matéria que eu tinha aprendido sozinho, como foi o caso de Taquigrafia. Pediram-me para ensiná-la num curso de Secretariado. Fiz várias experiências e consegui mais tarde até formar professores que vieram a me substituir, como no caso da Professora Dora Funke.

No Colégio Santo Antonio, Frei Odo Rosbach era a figura dominante. Só tínhamos contacto com o Diretor nas festas e nas solenidades. Outra ocasião especial eram as churrascadas na chácara do colégio, onde havia carnes variadas: bovina, suína e ovina, regadas com chope à vontade. Foram dias memoráveis aqueles em que meu pai e eu, em companhia dos outros professores, comemorávamos e bebemorá-

vamos o Dia de Santo Antonio, Dia de São Francisco, Dia do Aniversário do Diretor e os banquetes de formatura das turmas do Curso de Contabilidade.

O tempo corria e em 1968 fiz o vestibular para a primeira turma da Faculdade de Direito da FURB e passei. Daí em diante começaram meus problemas para conseguir cursar a Faculdade e lecionar. Nos primeiros dois semestres, as aulas da Faculdade eram no Grupo Escolar Julia Lopes de Almeida, lá no alto da rua Venezuela, na Ponta Aguda e assim foi possível acomodar os dois horários. No terceiro semestre foi no Grupo Escolar Luiz Delfino e no quarto semestre já começamos no novo prédio da FURB na rua Antonio da Veiga. Em 1972 e 1973 comecei a dar aulas junto ao Colégio Vale do Itajaí, no Grupo Escolar Júlia Lopes de Almeida e no SENAC, no curso de Secretariado. Em 1974 dei minhas últimas aulas no Colégio Santo Antonio. Guardo boas lembranças dos colegas professores João José Klein, Marcos Henrique Buechele, do Frei Odo Rosbach dos Diretores Frei Odorico Durioux, Frei Apolonio Weil e de Frei Wilson Steiner. Quanto ao Colégio Vale do Itajaí, um grupo de professores, sob a liderança do Professor José Paulo de Souza, o Professor Paulinho, resolveram fundar uma escola. Convidaram a mim para fazer parte e logo eu, que nunca tive o dom de administrador, fui para a administração do Colégio. Nunca me senti à vontade como tesoureiro, pois o meu era dar aulas sem reivindicações, com pouca remuneração, ou até sem remuneração, o que para meus colegas batalhadores pela

valorização da profissão era considerado uma traição. Assim foi até que o Professor Celso Voss assumiu o Colégio e pouco a pouco fomos saindo da sociedade. Tive a oportunidade de conhecer bons professores naquele Colégio, dentre os quais gostaria de ressaltar o Professor Joaquim Fronza, já falecido, cujo nome não vi ainda em nenhuma rua ou Escola de Blumenau, ao passo que outros menos importantes de há muito têm seus nomes em placas reluzentes e luzidias:

Por fim, desliguei-me do Colégio Vale do Itajaí e fiquei exclusivo do SENAC. Só com aquelas turmas de cursos de três meses. Quando me aposentei, em 1980, passei para os cursos diurnos em que predominavam os jovens de quatorze anos. Tive medo de não me acostumar, mas tudo é questão de se adaptar a situações novas. Lecionei também para os soldados no Projeto Caxias e nos cursos de Hotelaria e Turismo, onde ensinávamos a pronúncia correta dos nomes germânicos locais e até pratos típicos. Até fins de 1983, permaneci como professor do SENAC. Era um ambiente muito acolhedor, desde o Diretor Sr. Moacir Galliani, a Secretária Elita até o conjunto de professores e professoras: João Eber, Sandra Flatau, Analice Schreiber, Rosa Klugik, Ivone Maronez, Jaqueline Bratfisch, todos sempre me trataram muito bem, éramos como uma família. Foi com muita emoção que me despedi de todos eles e até hoje tenho saudades daquele tempo. Aqui em Curitiba só lecionei em um cursinho para Concurso do Banco do Brasil. Fui fazer cursos de lin-

guas: continuei o curso de alemão, que tinha iniciado em Blumenau, no Instituto Goethe e comecei a estudar japonês, conversação e escrita, na Escola Bunkyô.

Agora quero me referir aos alunos. Para mim, que durante onze anos de matrimônio não tinha filhos, eles sempre, na medida do possível, foram os substitutos queridos. Relembro desde as primeiras turmas até as últimas e sempre tenho encontrado ex-alunos em todos os lugares em que vou, até mesmo aqui em Curitiba, onde atualmente estou morando e em Balneário de Camboriú, onde passo todos os meses alguns dias. Encontro-os, eles e elas, nos mais diversos lugares, desde os mais humildes e simples, até nas repartições públicas, cartórios, câmaras de vereadores, assembleias legislativas, prefeituras e palácios de governo. Todos ainda me reconhecem, apesar de, em alguns casos, não recordarem meu nome. A situação é recíproca, guardo as fisionomias, mas os nomes ficam borbulhando, borbulhando. As vezes levo dias para me lembrar de um nome de algum ex-aluno que encontrei não sei onde, não sei quando, mas a memória, não obstante ser idosa, raramente me falha.

Guardo situações felizes do meu tempo de professor, como na primeira turma, onde revi um antigo companheiro de brincadeiras de Itajaí. Nas outras recordo os alunos brilhantes que tive, alguns até mais velhos que eu. Lembro-me bastante do primeiro e único aluno que expulsei da sala de aula, não sei se justa ou injustamente, mas do que me arrependo profundamente e do que até hoje me pe-

nitencio. Lembro-me das alunas, nas quais via minha filhinha natimorta; lembro-me das bonitinhas e feinhas, das mocinhas e das madurinhas, das lourinhas e das escurinhas. Lembro-me até mesmo das poucas que achavam que se insinuando junto ao professor poderiam aumentar a nota. Lembro-me dos alunos que queriam verificar se o professor era um babaca completo ou só meio babaca. Lembro-me de um aluno que ao terminar a prova impecável, passou por mim e disse: "Professor, fiz um erro na prova e quero ver se o Sr. descobre". Na aula seguinte, devolvi-lhe a prova com um enorme "9" no alto da folha. "Onde foi que errei, professor?" perguntou o aluno com a carinha mais desconsolada do mundo. Não havia erro nenhum, estava tudo certo, mas eu respondi: "Procure, quero ver se você acha". Na nota mensal o aluno deve ter compreendido que com isso não se brinca, ao se deparar com um solene "10" no boletim.

Nunca fui sovina com notas. Nunca compartilhei com a teoria daquele professor que dizia: "Nota 10 é para a perfeição, que é Deus. Nota 9 é para o autor do manual em que estudamos. Nota 8 é para mim que sou professor. Aluno só pode tirar de 7 para baixo". Deus não estava fazendo o curso, nem o autor do livro, nem o professor. A avaliação se limita àquela turma que faz a prova. Dez, portanto, é a melhor prova da turma.

Recordo as vezes em que fui paraninfo ou patrono da turma nas solenidades de formatura do Santo Antonio, cheias de alegria e esperança. Recordo com muito

carinho os dois anos em que lecionei no Curso de Economia Doméstica do Colégio Sagrada Família, onde ensinei as futuras donas de casa a fazer o orçamento doméstico e a não gastar mais do que se ganha. Não gosto de parecer a essas turmas de alunos que se reúnem depois de 25 ou 30 anos da formatura. A festa é deles, não tenho o direito de me imiscuir naquela felicidade e alegria que não me pertence. Por isso, obrigado pelo convite, pela lembrança, mas não vou comparecer mais. Não por desprezo ou orgulho, mas por respeito a vocês meus alunos.

Não vou mencionar nomes de alunos, pois sempre considerei a atividade de professor um sacerdócio, inclusive com o segredo da confissão inviolável. Nunca contei ou comentei o erro que algum aluno cometia, nem nunca ri ou caçoei de nenhum deles, por maiores que fossem as asneiras que tivessem cometido. Minha função era fazer com que não cometessem nunca mais as falhas apresentadas.

Comparando as minhas duas carreiras profissionais: a de bancário e a de professor, se na primeira não consegui nada além de ser um funcionário mediocre, conforme fui intitulado por um "grande" e famoso gerente, pois só consegui ser um mero ajudante-de-serviço, que naquele tempo era o segundo menor cargo de comissão no Banco, na carreira de professor me senti realizado ao constatar a multidão de meus ex-alunos e ao lembrar o sorriso de satisfação quando tinham compreendido os mistérios das matérias que eu lhes ensinei. Se a primeira me proporcionou uma vida financeira folgada de funcionário de empresa estatal de economia mista, a segunda, mais humilde e escondida, me deu muito maior número de alegrias e satisfações. Em meu velho coração de professor, guardarei para sempre o sentimento de gratidão aos meus alunos e alunas tão queridos que me fizeram o professor mais feliz do mundo.

Ruy Moreira da Costa

---

## REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (I)

Pe. Antônio Francisco Bohn

1 Livro: (1895-1902) 95 folhas — (só 76 utilizadas)

Autorização: Damos comissão ao Rev.mo Secretário da Visita para abrir, numerar, rubricar este livro destinado ao Tombo da Freguesia de Brusque.

Brusque, em Visita, 29 de agosto de 1895

†José, Bispo Diocesano.

Termo de abertura: Em virtude de autorização, passo a numerar e rubri-

car este livro destinado ao Tombo da Freguesia de São Luiz de Brusque, Pe. Alberto José Gonçalves, secretário da Visita.

Livro do Tombo da Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga na Vila Brusque do Estado de Santa Catarina.

In Nomine Domini.

Sob o regime pastoral do Il.mo e rev.mo Sr. Dom José de Camargo Barros, primeiro Bispo de Curitiba, no

ano 1895 depois do nascimento de N.S. Jesus Cristo, este Livro de Tombo se começou.

Fora de 15 livros de assentos diversos acharam-se no arquivo paroquial da Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga na Vila Brusque em volume contendo papéis eclesiásticos, um volume conterdo officios e outros papéis do poder civil, um livro da conta. Antes de registrar neste livro os diversos documentos importantes servirá dar uma olhada na história da Vila Brusque. A Vila, que é o centro das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, situadas nas costas do rio de Itajaí-Mirim, foi fundada no ano de 1860 e chamada São Luiz de Gonzaga, segundo o sobrenome do diretor desta colônia que se chamava Luiz Paes Lemes Bettim. Este diretor é digno de ser nomeado grande benfeitor da dita Vila, sendo ele quem erigiu todos os edificios públicos bem como principalmente a bonita e artificiosa Igreja, que está dedicada ao São Luiz de Gonzaga e deu o nome ao lugar mesmo. Depois esta bonita nomeação se converteu para Brusque, segundo o nome do então Governador de Santa Catarina.

A dita Igreja recebeu a bênção no ano de 1882 pelo Rev. mo Pe. Alberto Gattone. Este primeiro pároco de São Luiz de Gonzaga dirigiu como piedoso e zeloso pastor esta freguesia desde o ano 1862 até o ano 1882. No ano 1876 chegou da Itália o Rev. mo Pe. Archangelo Gananini para ajudar ao dito pároco como capelão, até que aquelle no ano 1882 se foi para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro, onde agora ainda está servindo de cura dos enfermos no hospital militar (morreu em 1901).

Então o Rev. mo Pe. Gananini foi nomeado para cura de São Luiz Gonzaga e ficou como tal até o ano .. 1886, no que ele se tornou vigário de São Amaro de cuja paróquia ainda es-

tá encarregado.

Deixou nos corações de todos os moradores de Brusque uma boa lembrança. Na direção espiritual da Paróquia de São Luiz seguiu o Rev. mo Pe. João Fritzen até o ano 1892. Os livros dos batizados, casamentos e sepultados comprovam a aplicação e exactidão deste padre pela clareza e limpidez dos Assentos.

Pela provisão de V. Ex. cia e Rev. ma Sr. Bispo do Rio de Janeiro na data de 18 de agosto de 1892, eu Pe. Antônio Eising fui nomeado cura das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro Segundo. — O mandamento do Rev. mo Bispo, que se acha no fim da primeira carta pastoral do primeiro Bispo de Curitiba tenho a obrigação de entregar e registrar num Livro do Tombo tudo o que tem importância para o meu curato. Quero obedecer por mais que possa.

I — Os livros dos assentos que se acham no arquivo paroquial são os seguintes:

- 1 — Livro de batizados com 1038 assentos da Paróquia de São Pedro Apóstolo e das colônias de Itajaí e Blumenau desde o ano 1861 até o ano de 1868 e dois de 1871, escrito pelo Rev. mo Pe. Alberto Gattone, com uma folha solta cortendo 45 assentos dos anos .. 1861, 1862 e 1863 sem debaixo assinado Pe.
- 2 — Livro dos batizados de 1869 até 3 de setembro de 1876, contendo .. 748 batismos.
- 3 — Livro de batizados de 1876 até .. 1880, na cuja entrada se acham alguns assentos dos anos de 1867, 1868, 1869.
- 4 — Livro de batizados desde 1880 até fim de junho de 1885.
- 5 — Livro dos batismos desde primeiro de junho de 1885 até primeiro de maio de 1889.
- 6 — Livro dos batismos desde primei-

ro de maio de 1889 até 4 de setembro de 1892.

7 — Livro dos batizados desde 4 de setembro de 1892.

#### **B — Livros dos Casamentos**

1 — livro dos casamentos de primeiro de fevereiro de 1861 até 1880.

2 — Livro dos casamentos desde 1869 até 1875.

3 — Livro dos casamentos desde 1880 até ...

#### **C — Livros dos Falecidos**

1 — Livro dos defuntos desde 1861 - 1876.

2 — Livro dos falecidos desde 1869 - 1879.

3 — Livro dos falecidos desde 1879.

#### **D — Livros dos Crismados neste Curato**

1 — Livro dos crismados nos anos .. 1878, 1879, 1880.

2 — Livro dos crismados no ano de 1887.

II — Inventário da Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga a que por ordem do Rev. mo Pe. Visitador Carlos Boeghs-hausen se procedeu no dia 26 de janeiro de 1892.

— Via Crucis

— 1 vaso para santos óleos

— 1 harmônio arruinado.

— 1 confessionário

— 1 pia batismal de madeira.

— 1 baldaquim para a procissão com o SS. Sacramento.

— 2 sinos.

— 1 relógio da torre

— 3 bandeiras: de Santa Ana (arruinada), S. Luiz, S. Infância.

— 1 quadro de São Luiz.

— 2 quadros (arruinados) dos SS. Co-rações de Jesus e Maria

— 1 quadro de N. Sra. do Auxílio Per-pétuo.

— 1 quadro de S. Affonso Ligório (pertence à Capela de Guabiruba).

— 1 quadro de adoração aos SS. Co-rações de Jesus e Maria.

— 1 quadro de Nossa Senhora das Do-

res (arruinado).

— 3 bancos de madeira na tribuna dos cantores.

— 36 bancos de madeira no corpo da Igreja.

— 1 caveira.

— 3 taburetos para sentar-se.

— 1 pequeno banco para ajoelhar.

— 3 andares para Santos.

— 1 catafalco.

— 1 confessionário provisório.

— 2 lanternas para levar o SS. Sacra-mento.

— 1 saco para tirar esmolos.

— 1 armação para a iluminação.

— 1 porta-capa de Asperges.

— 2 mesas sendo 1 grande.

— 14 quadros.

— 1 estátua de São Luiz Gonzaga no Altar-Mor.

— 1 estátua do Menino Jesus.

— 1 estátua de Nossa senhora das do-res.

— 1 estátua de N. Sra. da Piedade no altar lateral

— 1 estátua de N. Sra. da Piedade pe-quena na Sacristia.

— 1 estátua de Nossa Senhora da Con-ceição (Ponta Russa).

— 1 armário grande

— 1 cômoda para ornamentos.

— 1 porta-missal de madeira.

— 2 cruzes de metal para altares.

— 2 cruzes de madeira.

— 1 cruz para a procissão.

— 1 tabernáculo.

— 1 turíbulo velho com naveta.

— 1 caldeirinha para a água santa.

— 1 custódia de metal dourado

— 3 cálices, sendo 1 de prata e outro de metal.

— 2 vasos para os óleos.

— 2 âmbulas, sendo uma de prata e outra de metal.

— 2 vasos para levar o Santo nático aos enfermos.

— 2 campainhas pequenas para a San-ta Missa.

— 2 pares de caldeirinhas de vidros.

- 4 candelabros velhos de metal.
  - 3 candelabros de "folho flann".
  - 1 colher grande para batismos (na cozinha).
  - 1 mesa pequena no batistério.
  - 1 bacia de louça (idem).
  - 2 pares de tábuas canônicas para o altar.
  - 14 palmas de flores (arruinadas).
  - 1 crucifixo grande no púlpito.
  - 15 vasos para flores de porcelana, 3 quebrados.
  - 4 vasos pequenos de madeira.
  - 2 pedras de altar.
  - 1 lâmpada para o Santíssimo.
  - 1 candelabro de vidro.
  - 1 lava-mão (de flano)
  - 2 latas para hóstias.
  - 3 missais, sendo 1 novo e dois velhos.
  - 1 livro dos Evangelhos
  - 2 rituais, sendo 1 novo outro velho, alguns livros velhos.
  - 1 missal para missas de defuntos.
  - 1 suplemento do missal.
  - 2 pratos pequenos de vidro.
  - 1 garrafão para óleo.
  - 1 capa de Asperges preta em bom estado.
  - 2 capas de Asperges brancas meio arruinadas.
  - 2 véus de ombro, sendo um arruinado
  - 6 casulas brancas, sendo 2 fora de uso, arruinadas.
  - 3 casulas encarnadas.
  - 3 casulas pretas.
  - 3 casulas violetas.
  - 2 casulas verdes.
  - 3 casulas incompletas velhas de diferente cor.
  - 2 estolas pastorais brancas, sendo 1 velha.
  - 2 estolas pretas, sendo 1 nova, outra não
  - 27 corporais.
  - 28 purificatórios.
  - 5 palas.
  - 10 amitos.
  - 4 alvas, sendo 1 arruinada.
  - 4 superpelica para sacerdotes.
  - 6 superpelica para ministrantes.
  - 6 mapas do altar com rendas.
  - 2 mapas sem rendas para baixo.
  - 2 cobertas de rendas.
  - 3 toalhas para lavar as mãos.
  - 20 kilos de cera.
  - 1 coroa de defuntos.
  - 1 porta-missal para missa solene.
  - 2 bancos simples.
  - 1 grinalda para São Luiz Gonzaga.
- Faltam vidros de diferentes cores.  
Vila São Luiz de 26 de janeiro de 1892.

Fabriqueiros: João Boos, Gohnarn August Maluche, Nicolau Knifs, Josef Kohler, Peter Jacob Heil.

Para o inventário como em cima pertencem também

- 2 bandeiras grandes, de São José e da Imaculada.
- 1 bursa da comunhão com corporal.

## REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

Comunidade Evangélica Luterana de Ilse.

Ilse, localiza-se na Estrada Geral, não distante da antiga Estação da Estrada de Ferro, em Ascurra. Via, que segue em direção a Warnow e alcança Indaial,

pela margem direita do Rio Itajaí-açú, revestida de macadame, em boas condições de tráfego havendo porém um reduzido fluxo de veículos, após à inaugura-

ção da BR 470, em 1966.

No ano de 1886, a pequena Comunidade Evangélica Luterana de Ilse, tomou a decisão de reconstruir sua escola que se situa ao lado do cemitério, a qual, servia também de igreja onde era celebrado o culto divino, construção essa, em estilo enxaimel, de paredes de tijolos maciços e aparentes, nelas encaixados barrotes de madeira, formando belos desenhos, obra tipicamente alemã. Concluídos os serviços de reconstrução, a comunidade inaugurou-a em 22 de agosto de 1886, dia em que, em cerimônia solene, fôra criada a Fundação da Comunidade Evangélica Luterana, Ato presidido pelo Pastor Sandreczk, da Paróquia de Blumenau.

A maioria dos habitantes de Ilse, bem como, os residentes em quase toda a extensão da margem direita do Itajaí-açú, da divisa da então localidade de Aquidabam, hoje Apiúna, até alcançar a de Warnow, era e continua sendo, de profissão Evangélica Luterana, que não dispunha de assistência espiritual por um Pastor próprio, residente na região. Todavia, no ano de 1890, essa comunidade, ansiosa por elevar suas preces a Deus, pôde assistir, com muita alegria e devoção, ao seu primeiro culto festivo, celebrado pelo Pastor Ehrich da Paróquia Evangélica de Blumenau, cerimônia essa, realizada na nova Capela. Em 1902, a comunidade que anteriormente pertencia à Paróquia de Blumenau, fôra anexada a de Indaial, iniciando assim, a partir desse ano, uma nova vida eclesiástica, assistida pelo seu Pastor Bergold e seu sucessor Senhor Pastor Heinrich Müller. Em 1938, os representantes evangélicos de

Ilse empreenderam seus esforços na aquisição de um sino pesando 175 quilos, fundido em bronze, pela Eletro Aço Altona de Blumenau. A compra desse sino, relacionava-se com a construção da torre, erguida em frente e junto à escola, cuja inauguração, sob o repicar, pela primeira vez, desse sino mavioso, aconteceu a 25 de julho de 1939.

Não podemos deixar de registrar que durante a campanha de nacionalização no Vale do Itajaí, nos idos de quarenta, a comunidade de Ilse, por ser de descendência alemã, também sofreu com as atitudes severas das autoridades, obrigando-a a manter-se silenciosa e cujo último protocolo registrado, aconteceu em 10 de março de 1941. O processo de nacionalização, além de seus efeitos negativos, criou dificuldades intensas, principalmente, quando houve a proibição do uso da língua alemã, obrigando imediatamente o Pastor Evangélico a officiar no idioma nacional. A partir de então, a doutrina confirmatória e os cultos, e todas as atividades do ofício, tinham de ser proferidos em vernáculo, trazendo em consequência, dificuldades extremas para o Pastor e, muito mais, para a comunidade, que com raras exceções, conhecia apenas a língua alemã. Em resultado, todas as escolas particulares alemãs foram fechadas, condenada a extinguir-se uma florescente vida cultural. O violento processo de nacionalização, causou perturbações à vida dessas famílias laboriosas que levavam uma vida simples e dedicada ao trabalho, bem como, subtraindo a cultura e, ao mesmo tempo, a vida eclesiástica, pois, cultura e

vida eclesiástica estiveram profundamente ligadas. Depois de uma interrupção de quatro anos em seus registros paroquiais e atividade apostólica, a 1.º de fevereiro de 1945, realizou-se na Comunidade Evangélica Luterana de Indaial, da qual a de Ilse era dependente, a primeira Assembléia Geral da Paróquia, em que se verificou uma interrupção de quatro anos e, como especial realização, deve-se registrar a Reunião Sinodal, que teve lugar na Igreja de Indaial, de 17 a 19 de novembro de 1946. Durante a época de guerra, o corpo de membros da Paróquia de Indaial, não se reduziu. Ao contrário: de 365 membros contribuintes no ano de 1923 passaram para 1.105 membros em 1945.

Um dos aspectos que se deve ressaltar entre as duas etnias, italianos e alemães, em Acurra, é o bom relacionamento que sempre existiu ao longo dos anos, cujos contatos ocorreram em todos esses tempos, pacíficos e respeitosos. Seus encontros, em todas as ocasiões, sobretudo, em casamentos e em festas, tanto soci-

ais quanto as de caráter religioso aconteceram em harmonia. Os auxílios financeiros das duas comunidades, para que esses eventos alcançassem êxito, foram recíprocos. Italianos e alemães nessa região, sempre se estimaram.

Atualmente, são responsáveis pela direção da Comunidade Evangélica de Ilse: Presidente: Ari Voigt; Vice Presidente: Mauro Roweder; Secretário: Ari Seiferd; Vice Secretário: Arno Stray; Tesoureiro: Erondina Roweder; Vice-Tesoureiro: Ivanir Roweder; 1.º Delegado: Edgar Klambunde; 2.º Delegado: Verônica Voigt e 3.º Delegado: Edemar Stray.

Nesta oportunidade, queremos externar, com imensa alegria, um agradecimento específico ao sr. Pastor Irineu V. Wolf, pela colaboração prestada, franqueando-nos meios para um estudo de pesquisa básica, a respeito da Comunidade Evangélica Luterana de Ilse, Acurra, à qual, dá assistência religiosa, com residência na Comunidade Evangélica Luterana de Indaial.

Na próxima edição de «Blumenau em Cadernos» apresentaremos a biografia de, Padre Aleixo Costa, Salesiano de Dom Bosco.

---

## ACONTECEU...

NOVEMBRO DE 1995

---

— DIA 1º. — Em Pomerode, um curto-circuito no sistema elétrico causou incêndio que destruiu uma fábrica de laticínios — Indústria Testo Central. \*\*\* Em Timbó foi fechado o Cine Municipal por falta de frequentadores. \*\*\* Na prova de ciclismo dos Jogos Abertos de S. Catarina, realizada em Rio do Sul o atleta blumenauense Mauro Ribeiro chegou em primeiro lugar.

— DIA 03 — Encerrou-se a exposição da CELESC, de amostras de peças anti-

gas utilizadas em seus serviços. A exposição foi para comemorar os 40 anos das Centrais Elétricas de Santa Catarina.

— DIA 04 — O Cantinho Infantil, secção pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", organizou vasto programa comemorativo dos seus três anos de atividade, com os melhores resultados junto a petizada que ao mesmo frequenta em elevado número.

— DIA 05 — A representação de atletas blumenauenses conquista mais um título de campeã nos Jogos Abertos de Santa Catarina. Os números não deixam margem à eficácia dos atletas blumenauenses. Foram 10 troféus contra 7 de Florianópolis e 5 de Joinville, 152 medalhas, sendo 59 ouro, 41 prata e 42 bronze, contra 76 de Florianópolis e o mesmo número de Joinville e uma classificação geral de 256 pontos contra 157 de Joinville e 149 de Florianópolis. Os valentes atletas campeões foram recebidos, na tarde deste dia, em Blumenau, com grandes manifestações de carinho e gratidão da população e das autoridades em geral. \*\*\* Alcançou pleno sucesso a diversão apresentada neste sábado passado ao numeroso público frente ao Palco da Cidade, na Fundação "Casa Dr. Blumenau". Apresentações de grupos musicais e artistas plásticos foi a tônica do acontecimento artístico.

— DIA 08 — A imprensa destaca o calor que assolou Blumenau neste dia e no anterior, cujos termômetros digitais existentes pela cidade, acusaram a temperatura de 47º graus. \*\*\* A seleção brasileira de futebol jogou amistosamente contra a da Argentina, em Buenos Aires, tendo os brasileiros vencido por 1 a 0, gol de Donizeti.

— DIA 09 — Foi aberta, na Praça Central do Shopping Neumarkt, uma exposição de obras criadas no ateliê "Sobretom", pelas artistas Erica Araújo, Lygia Rousenq Neves e Simone Tanaka. \*\*\* Na Galeria de Artes da Fundação "Casa Dr. Blumenau" realizou-se a solenidade de abertura da exposição de fotos que revelam a obra de Lina Bo Bardi.

— DIA 10 — O túnel construído no começo do ano para atravessar a rua 7 de Setembro, entre o Shopping Neumarkt e o acesso ao Colégio Santo Antônio, recebeu roupagem nova, tornando-se uma forma elegante de atravessar a Rua 7. Por iniciativa do Shopping Neumarkt, foram instalados sistemas de Câmaras internas, as paredes revestidas com azulejos coloridos e o piso recebeu material antiderrapante. A reinauguração do túnel ocorreu às 18 horas. A medida recebeu o aplauso dos usuários do túnel, que permite a travessia com a máxima segurança aos pedestres. \*\*\* Em Benedito Novo foi aberta a 5ª. Festa das Tradições, no Parque da Comunidade Evangélica Luterana.

— DIA 12 — A imprensa (JSC) destaca a sanção da Lei Municipal 2.279, que dá ao deficiente visual em Blumenau mais facilidades e segurança no uso do transporte coletivo, permitindo o mesmo o acesso e saída pela porta dianteira. É só a lei ser cumprida. \*\*\* No Teatro Carlos Gomes, foi efetivada solenidade de abertura da 52ª. Semana Oficial de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

— DIA 14 — Na Câmara de Vereadores, às 17 horas, realizou-se a solenidade de apresentação do Código de Saúde do Município e sua regulamentação, acontecimento que reuniu os vereadores, o prefeito Renato Vianna, Secretários e outras autoridades, além de populares.

— DIA 15 — O jornal destaca, em 2A. página, a notícia da posse, na Academia Catarinense Maçônica de Letras, do editor desta revista, ocorrida dia 25 de outubro, em solenidade realizada no Salão de Conferências do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis. \*\*\* No Auditório "Fritz Mueller", do Grande Hotel Blumenau, foi aberto o 6º. Congresso Brasileiro de Estudos Médicos.

— DIA 16 — A Divisão de Vigilância Sanitária da Secretaria de Saúde iniciou combate aos mosquitos com a pulverização das margens dos ribeirões da cidade. Os pernilongos, com a aproximação da estação quente, começaram a infernizar a vida dos blumenauenses. \*\*\* No Teatro Carlos Gomes, alunos do curso de danças apresentaram espetáculo de encerramento anual, com o nome de Pulsar do Tempo.

— DIA 17 — A imprensa (JSC) publica informe procedente da CEVAL, através do qual é divulgado que a mesma empresa teve o maior desempenho financeiro de todos os tempos. De janeiro a setembro de 1995, o faturamento foi de US\$ 1.798 bilhões, cujo lucro chegou a US\$ 47.018 milhões. \*\*\* É destaque no noticiário do dia, a exposição do jardineiro José Conceição Peres, no Teatro Carlos Gomes, de sua cidade construída em miniatura, intitulada "Sonho de Criança".

— DIA 19 — No recinto da Câmara de Vereadores, com a presença de seletor público, foi realizada a solenidade de lançamento do livro "Sul Azul", Poetas Blumenauenses, uma iniciativa daquela Casa, liderada pelo vereador Ivo Hadlich que também é aplaudido poeta. A solenidade aconteceu às 19 horas, houve muitos aplausos e o livro causou agradável impressão.

— DIA 21 — Perante numeroso público, apresentou-se no Teatro Carlos Gomes o aplaudido humorista Tom Cavalcante com o show "Cana & Brava".

— DIA 20 — Na Biblioteca Pública da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi aberta a exposição de cartazes de filmes "Os Anos Loucos", que provocou grande curiosidade, com numerosas visitas durante os dias de exposição.

— DIA 23 — No Espaço Especial Artes e Decorações, a rua 15 de Novembro 1232, o consagrado artista Tadeu Bittencourt abriu sua exposição "Um olhar para o Futuro", onde permanece até 15 de dezembro. Tadeu é um dos mais aplaudidos artistas plásticos da nova geração de artistas blumenauenses.

— DIA 29 — No Museu da Família Colonial, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi aberta exposição — Moda Íntima — da coleção particular da Sra. Ellen Vollmer. \*\*\* No Salão San Nicolas, do Viena Park Hotel, realizou-se o 1º. Leilão de Natal da Galeria Bordeaux Arte & Decoração.

— DIA 30 — Na Galeria do Papel, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi feito o lançamento da revista em quadrinhos "Morcegos Humanos", que revela o notável talento dos irmãos José Alexandre Borges, de 16 anos e Jonathan Harlei Borges, de 13 anos. Um sucesso absoluto, que mereceu os melhores aplausos.

---

## Jubileu de ouro festejado pelos integrantes da turma de 1945, do Tiro de Guerra nr. 475

Com um programa dos mais comoventes e brilhantemente elaborado, foi realizada belíssima festividade, pelos integrantes do Tiro de Guerra nº. 475, da turma de 1945, para comemorar o jubileu de ouro.

O significativo evento aconteceu no dia 25 de novembro de 1995.

Do programa constou o encontro dos ex-atiradores no adro da igreja católica do bairro Vila Nova, após o que desenvolveu-se um ato religioso ecumênico, com a participação do vigário local e do pastor da igreja evangélica luterana. Foi um cerimonial tocante e dos mais emocionantes quão agradáveis.

Após a cerimônia na igreja, durante a qual foram nomeados todos os integrantes do tiro de guerra 475 de 50 anos passados, inclusive homenageados os que já haviam falecido, os participantes e convidados dirigiram-se à sede da Associação Cremer, em cujo restaurante deu-se a realização de um bem elaborado almoço, no desenrolar do qual fizeram uso da palavra o sr. Hélio Gomes Coelho, que foi o sargento instrutor da época, sua esposa Elsa, dirigindo-se às senhoras presentes e o sr. Vítorio Pfiffer, que foi o organizador da festividade tão oportuna.

Foram, enfim, momentos que emocionaram a todos, uma confraternização pelo reencontro dos antigos jovens, hoje sexagenários amigos que participaram de um período de instrução militar, cujas peripécias vividas foram lembradas pelos presentes entre si.

Sob o comando do instrutor Sargento Hélio Gomes Coelho, estiveram em ação, há 50 anos passados no Tiro de Guerra 475, os seguintes

jovens: Alex Budag, Arno Hering, Alois Jansen, Alberto Zen, Arnaldo Eduardo dos Santos, Atanásio Soares, Aziz Chead, Celso J. Schmitt, Dionísio B. Sauer, Edgar Mund, Eurídio Cunha, Francisco S. Oliveira, Fred Fuhrmann, Gunter F. Burkhardt, Harri Weise, Heinz Lippei, Heinz Schroeder, Inocêncio Zimmermann, Ilmo Buelck, Karlos H. Rischbieter, Kunimund Kroenke, Leandro Vitor Bona, Milland Probst, Nicolau K. Pederneiras, Olivio V. F. Nascimento, Orlando dos Santos, Paulo Gotlob Siegle, Ralf Kaestner, Ralf Roedel, Rolf Kuehnrich, Renê Garcia, Rolando Missfeldt, Ronald Schmidt, Vitor Bento, Vítorio Pfiffer, Valdemar F. Nunes, Walter V. Blohm. A relação que segue, é a dos que já faleceram. Ei-la: Alfredo Paulo Oliota, Amadeu J. dos Santos, Brandino Phillipps, Curt Hoffmann, Curt Baehr, Heinz J. Darius, Marcos Zimmermann, Osmar Jacobsen, Osmar Laux, Raul Mueller, Rodolfo Rosenbrock, Vitor Pedro Garbe, Wilfried Diestel e Walter Hass.

## Rodovia Ingo Hering - uma justa homenagem

Constituiu motivo de agrado geral, o decreto assinado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, denominando a Rodovia BR-470 de RODOVIA INGO HERING, desde seu início em Navegantes até seu término no Oeste Catarinense.

A homenagem prestada pelo governo brasileiro ao saudoso cidadão blumenauense Ingo Hering, não podia ser mais justa e merecida, uma vez que seu nome, já perpetuado nos corações dos blumenauenses e da maioria dos catarinenses que tiveram a ventura de conhecer Ingo Hering em Vida, fica, agora perpetuado pelos catarinenses e brasileiros de outras plagas, uma vez que agora RODOVIA INGO HERING, que cruza o Estado de leste ao oeste, como legítimo elo de ligação dos catarinenses do interior com os do litoral, continuará a ser ocupada por milhares de viajantes.

Para Blumenau, a medida adotada pelo governo brasileiro, representa também uma homenagem à cidade em que nasceu Ingo Hering e pela qual tantos e tão grandes benefícios prestou, deixando seu nome inteiramente ligado à própria história da cidade, inclusive no seu desenvolvimento social, cultural e econômico.

# Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 1º. — O jornal destaca a notícia de vultoso roubo ocorrido na Relojoaria Catarinense, uma das mais conceituadas de Blumenau, quando foram roubados cerca de 50 mil cruzeiros em jóias e pratarias. A Relojoaria Catarinense estava instalada à rua 15 de Novembro. \*\*\* Também é noticiado um assalto no Bar Aurora, situado à rua 15 de Novembro, esquina com a rua Minas Gerais. O ladrão roubou, além de mercadorias, oito mil cruzeiros em dinheiro.

— DIA 05/01/46 — Jogando amistosamente em Joinville, o Palmeiras de Blumenau empatou com o América local por 3 a 3. O Palmeiras jogou com: Oscar, Juca e Schramm; Doquinha, Emilio e Viçó; Renê (Cidinho), Lazinho, Teixeira, Erasmio e Cavalcanti (Saul). O América formou com: Maninho, Fateco e Zaboti; (Marcelino); Tejo, Piazero e Aldo; Cocada, (Costinha), Badeco, Costinha (Zaboti), Cocada e Renê (Otavinho). \*\*\* A Seleção Brasileira, na disputa da Copa Rio Branco, perdeu para a equipe do Uruguai por 4 a 3. Os brasileiros jogaram com: Ari, Domingos e Norival; Ivan, Rui e Jaime; Lima (Tesourinha), Zizinho, Heleno, Jair e Ademir (Chico). \*\*\* Em Brusque, a equipe de futebol do Avaí perdeu para o Clube Atlético Carlos Renaux por 3 a 1. O Carlos Renaux jogou com: Mosimann, Aristides e Irineu; Egon, Luiz e Pileca; Ristow, Sarará, Hélio, Dirceu e Mário. \*\*\* Em Londres foi inaugurada a Assembléia Geral das Nações Unidas.

— DIA 09/01/1946 — O selecionado brasileiro voltou a jogar contra o do Uruguai pela Copa Rio Branco. Empate de 1 a 1, com o jogo sendo encerrado aos 35 minutos do 2º. tempo por atritos entre o juiz e jogadores reservas do Brasil, liderados pelo técnico Flávio Costa. O Uruguai ficou campeão.

— DIA 12/01/1946 — Os jogadores do selecionado brasileiro chegaram a Buenos Aires para disputar o título do Campeonato Sulamericano de Futebol.

— DIA 17/01/1946 — A seleção brasileira estreou no Campeonato Sulamericano de Futebol, em Buenos Aires, superando a seleção da Bolívia por 3 a 0, com 2 gols de Heleno e 1 de Zizinho.

— DIA 19/01/1946 — O Gremio Desportivo São Lourenço, de Pomerode, festejou a passagem de seus 5 anos de fundação.

— DIA 20/01/1946 — Na estréia pelo Campeonato Catarinense de Futebol, o Palmeiras de Blumenau perdeu para o Caxias, de Joinville, por 3 a 1.

— DIA 23/01/1946 — A seleção brasileira, na sua segunda intervenção no Campeonato Sulamericano de Futebol, venceu a seleção do Uruguai pela contagem de 4 a 3. A nossa seleção jogou com: Ari, Newton e Norival; Procópio, Rui e Jaime; (Aleixo); Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e Chico.

— DIA 29/01/1946 — Na sua 3ª. partida pelo Campeonato Sulamericano de Futebol, o selecionado brasileiro empatou com o selecionado do Paraguai pela contagem de 1 a 1.

— DIA 31/01/1946 — Neste dia, o Brasil retornou à normalidade democrática, ao tomar posse no cargo de Presidente da República eleito pelo voto popular o general Eurico Gaspar Dutra, eleito que fora nas eleições do dia 02 de dezembro de 1945.

## Cartas

Recebemos e agradecemos o seguinte:

«Prezado Senhor José Gonçalves

Tomando conhecimento da sua eleição para a Cadeira 24 da Academia Catarinense Maçônica de Letras, não posso deixar de me juntar aos seus inúmeros amigos, expressando-lhe os votos de felicitações e uma vida acadêmica bem sucedida e agradável.

Os seus méritos, como redator, escritor e colunista notável são de conhecimento público, como o demonstra a circulação mensal e ininterrupta de trinta e oito anos de «Blumenau em Cadernos.»

Atenciosamente

Siegfried Carlos Wahle.»

---

«Prezado Senhor José Gonçalves

Assunto: Artigo pág. 325, Nov/Dez/1995

A Rua Quinze dos Anos Vinte

É com grande satisfação que se toma conhecimento do trabalho impecável de Grete Medeiros, supra mencionado. Convive-se com o passeio pela Rua Quinze, pois nela eu também me criei, e até 1930, convivi com todos os fatos que nela se desenrolaram. Acompanhando-a pelo passeio, ao chegar ao alfaiate Holetz, fiquei parado, pois lá o passado me chocou.

O casal Holetz estabelecera como objetivo dar ao filho um futuro melhor do que o passado que eles tiveram. Conhecia bem o casal. O filho do casal era educado, sempre me cumprimentando com um sorriso, também aspirava um futuro melhor. O Sr. Holetz me dissera, se outros conseguem fazer estudar os seus filhos, um direito, outro veterinário e um dentista, porque ele não podia dar ao seu filho condições melhores. Os Holetz faziam uma economia muita rígida, só pensando no filho. Quando o filho já estava terminando o ginásio, estando eu de passagem por Blumenau, procurou-me para saber se a Faculdade de Engenharia do Paraná era boa. Recomendei-a, pois era uma faculdade bem frequentada.

Tudo foi bem, o filho foi a Curitiba, frequentava a faculdade com bom aproveitamento, fazendo também o CPOR. Um dia ao limpar a pistola que fazia parte do equipamento do CPOR, esta disparou, matando-o. Foi aí que me imaginei como não se sentiriam os pais com tamanha tragédia. Na próxima viagem que fiz a Blumenau, com empatia colocando-me no lugar do Sr. Holetz, não consegui falar com ele, para o qual a tragédia fez desabar o mundo.

Atenciosamente

Siegfried Carlos Wahle.»

# GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

N8-65 — Vitor Alberto Schmitt, n. 15.04.1893, bat. Gaspar — L 4, fl. 87, T 70 — (32V-63) — f. Miguel Schmitt, n. 1853 e Ana Reinert. Em 02.07.1917, cas. Gaspar — L 3, fl. 101, T 47 — cc Catarina Eugênia Spengler, n. 1899 — f. Matias Spengler e Maria Zimmermann. Vitor Alberto + c/ 33 a., a 10.12.1926 — Gaspar — L 2, fl. 164/65 — (5-25). Teve 6 filhos.

B1-204 — Oswaldo Matias Schmitt.

B2-205 — Padre Roque José Schmitt, SCJ, n. 25.04.1920 — f. Vitor Alberto Schmitt, n. 15.04.1893 e Catarina Engênia Spengler.

B3-206 — Ana Maria Schmitt.

B4-207 — Félix Miguel Schmitt.

B5-208 — José Adão Schmitt.

B6-209 — Clara Catarina Schmitt.

F9-9 — Jacó Miguel Schmitt, n. 02.11.1855 — bat. Spa a 05.11.1855 — (68-14), f. João Adão Schmitt, n. 31.12.1814, Brohl — Alemanha e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792, n/m Nicolau Binã, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin — cc Maria Ana Reinert, f. Nicolau Reinert e Maria Schmitz. Teve filhos.

N1-66 — Margarida Schmitt, f. Jacó Schmitt e Catarina Reinert — cc Nicolau Hilmstedt.

B1-2 — João Plázio Hilmstedt, n. a 16.06.1904, RC. Spa, bat. 20.06.1904 — (29-129), f. Nicolau Hilmstedt e Margarida Schmitt — m/p José Hilmstedt e Margarida Raden — n/m Jacó Schmitt e Catarina Reinert.

N2-67 — Nicolau Schmitt, n. 1880, f. Jacó Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert — (14V-45). Em 10.02.1906, cas. Gaspar — L 2, fl. 127, T 10 — cc Cecília Spengler, n. 1886 — f. Adão Spengler e Catarina Müller.

N3-68 — Peter Schmitt, n. 03.02.1881, bat. C. T. a 13.03.1881 — fl. 60 n.º. 44 (8) — f. Jacó Adão Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert — n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/m Nicolau Reinert e Maria Schmitz. Em 13.02.1904, cas. Gaspar — L 2, fl. 112, T 10 — cc Catarina Deschamps, n. 1884, f. Antonio Deschamps e Cecília Altemburg.

N4-69 — Jacó Schmitt, n. 18.10.1882, bat. Gaspar — L 2, fl. 188, T 146 (24-37), f. Jacó Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert. Em 18.09.1909, cas. Gaspar — L 3, fl. 19, T 46 — cc Cristina Deschamps, n. 1888, f. Antonio Deschamps e Cecília Altemburg.

N5-70 — Maria Gertrudes Schmitt, n. 02.08.1884, bat. Gaspar — L IIB, fl. 68, T 135 — (24V-38), f. Jacó Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert. Em 11.02.1911, cas. Gaspar — L 3, fl. 31, T 9, (7-10) — cc José Knot, n. 1888, f. João Knot e Suzana Filomena Eifel.

N6-71 — Leopoldo Schmitt, n. 12.02.1886, bat. Gaspar — L 3, fl. 22, T 44 — (24V-39), f. Jacó Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert.

N7-72 — Cândida Schmitt, n. 29.08.1887, bat. Gaspar — L 3, fl. 72, T 140 — (30-54), f. Jacó Adão Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert. Em 11.06.1910 — L 3, fl. 25, T 23 — (11-29) — cc Alberto Spengler, n. 1887, f. João Adão Spengler e Catarina Müller.

N8-73 — Alberto Schmitt, n. 14.02.1889, bat. Gaspar — L 3, fl. 113, T 36 — (25-39A), f. João Adão Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert. Em 12.06.1915, cas. Gaspar — L 3, fl. 68, T 15 — (10V-26) — cc Helena Cecília Deschamps, n. 1895, f. Antonio Deschamps e Cristina Eberhardt.

N9-74 — Maria Catarina Schmitt, "Mimi", n. 08.03.1894, bat. Gaspar, L 4, fl. 114, T 101 — (25-40), f. Jacó Schmitt, n. 02.11.1855 e Maria Ana Reinert. Em 07.02.1920, cas. Gaspar — L 3, fl. 131, T 9, (5V-2) — cc Pedro Paulo da Costa, n. 1896, f. Antonio José da Costa e Maria Celestina da Silva.

B1-210 — Augusta Schmitt, f. Jacó Schmitt e Cristina Deschamps — n/p Jacó Schmitt e Maria Ana Reinert, (N4-4) — cc Antonio Spengler.

T1-161 — Arnaldo Spengler, f. Antonio Spengler e Augusta Schmitt — n/m Jacó Schmitt e Cristina Deschamps — cc Aurélia Edith Diner, mora na Rua Itajaf, 5558 — Gaspar.

— Fim do 1º. Ramo — (Em 04.09.1993)

Antepassados de Pedro Ernesto da Silva, autor desta pesquisa.

## II Ramo da Família Schmidt — (Continuação)

Nicolau Schmidt, viúvo de Margarida Bins, n. em 1815, em Brohl/Alemanha, + em Spa a 31.10.1896 — (54V-31), c/ 81 a., fl. 27, T 36 — f. João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792.

Casou por volta de 1835, em Spa — cc Margarida Bins, n. 1817, f. Nicolau Bins, n. 1791, Alemanha — (sapateiro), e Ana Maria Pudinger, n. 1781.

Vieram no brigue marquês de Viana e em julho de 1830, a família Bins foi para Biguaçu.

Pai de Ana Maria Bins n. 1817 e Margarida Bins, n. 1819.

Em 2ªs. núpcias Nicolau Bins — cc Maria Nekele e teve mais um filho, Nicolau Bins, n. 12.02.1843. Margarida Bins é neta de Miguel Bins e Maria Catarina Mintin.

O casal Nicolau e Margarida tiveram 16 filhos :

I — Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 — cc Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

II — Maria Schmidt, n. 24.04.1839 — cc Jacó Gesser, n. 27.07.1837.

III — Nicolau Schmidt, n. 05.08.1840 — fl 202, Fi — (Fruto da Imigração) de PR Reitz.

IV — Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — cc Jacó Ludwig, n. 1836.

V — Margarida Schmidt, n. 17.07.1844 — cc João Petry, n. 1842.

VI — Madalena Schmidt — cc João Pedro Petry, n. 1844.

VII — Helena Schmidt, n. 30.04.1846 — cc João Pedro Petry, viúvo de Madalena, n. 1844.

VIII — Felisbina Schmidt, n. 1848 — cc Bernardo Kehrig (Koerich).

IX — Pedro Schmidt, n. 20.03.1850 — cc Luzia Ludwig.

X — Jacó Nicolau Schmidt, n. 1854 — cc Almeida Maria Müller.

XI — Frederico Schmidt, n. 27.12.1855 + a 27.04.1856, c/ 4 meses.

XII — Ana Schmidt, n. 30.09.1857 — cc Pedro João Gehrent, n. 21.08.1854.

XIII — João Schmidt — cc Gertrude Winter.

XIV — Bernardo Schmidt — cc Gertrude Winter, sua cunhada.

XV — Bernardo José Schmidt — cc Ana Winter.

XVI — Bernardo Nicolau Schmidt, n. 18.12.1861 — cc Ana Maria Schweitzer.

F1-1 — Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836, bat. a 19.06.1836 — (Fi-202), S.J. — f. Nicolau Schmidt, n. 1815, Brohl/Alemanha e Margarida Bins, n. 1819.

Em 12.11.1864, cas. Spa — L 850/67, fl. 34 — cc Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845, bat. 28.V.1845, S.J. — fl. 381V, f. João Zimmermann e Margarida Haendchen.

N5-5 — José Schmidt, n. 26.08.1874, bat. Gaspar a 23.09.1874, fl. 27, T 6 — f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N6-6 — Ana Schmidt, n. 13.11.1875, bat. Gaspar 15.12.1875 — L 1, fl. 45, T 93 (34V-70), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N7-7 — Maria Schmidt, n. 23.03.1877, bat. Gaspar — L 1, fl. 82, T 68 — (34V-71), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N8-8 — Filomena Schmidt, n. 02.08.1878 bat. Gaspar 01.09.1878, L 1, fl. 111, T 94 — (35-72), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836, e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845 — n/p Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — cc Miguel Rudolf, + 27.05.1942, f. José Rudolf e Berta, (Fi — Fruto da Imigração — B 219, fl. 140) — PR Reitz.

N9-9 — Antonio Schmidt, n. 11.03.1880, bat. Gaspar — 09.04.1880, L 1 fl. 154, T 52 — (35V-73), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N10-10 — João Francisco Schmidt, n. 19.11.1881 bat. Gaspar 26.12.1881 — L 1, fl. 194 T 144 — (35V-74), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N11-11 — Leopoldo Schmidt, n. 11.05.1883, bat. Gaspar — L IIB, fl. 33 T 81 — (36-75), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N12-12 — Regina Maria Schmidt, n. 23.08.1884, bat. Gaspar — L IIB, fl. 70, T 143 — (36-76), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann n. 24.01.1845.

N13-13 — Margarida Justina Schmidt, n. 07.10.1885, bat. Gaspar — L 3, fl. 22, T 131 — (36V-77) f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N14-14 — Baltazar Fernando Schmidt, n. 06.01.1888, bat. Gaspar — L 3, fl. 83, T 25 — (37-78), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N15-15 — Ambrósio Henrique Schmidt, n. 07.12.1889, bat. Gaspar — L 3, fl. 130, T 152 — (37-79), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845.

N16-16 — Bernardo Agostinho Schmidt, n. 22.09.1892, bat. Gaspar — L 4, fl. 73, T 206 — (37V-206).

N17-17 — Alfredo Schmidt, n. 26.06.1894 bat. Gaspar — L 4, fl. 121, T 160 — (38-81), f. Nicolau Schmidt, n. 07.05.1836 e Maria Ana Zimmermann, n. 24.01.1845 — n/p Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/m João Zimmermann e Margarida Haendchem.

F2-2 — Maria Schmidt, n. 24.04.1839, f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin. Em 10.02.1866, cas. Spa — (51V-11) — cc Jacó Gesser, n. 27.07.1837 — (Tomo II, FBOG, fl. 287/288 e Fi, PR Reitz, fl. 139/141 e 144), + a 24.10.1908, c/ 70 a., sep. Capela Bom Jesus — AC, f. João Pedro Gesser, n. 1816 e Catarina Clasen, f. Pedro Clasen e Susana Meries — n/p João Gesser, n. 1783, Alemanha, Lavrador, casado. Vieram no brigue Luísa a 07.11.1828 e foram hóspedes de Lagoinha, onde + a esposa (1829), e em 01.04.1829 foram para Spa — b/p João Gesser — cc Rosalia... João Pedro Gesser — cc Catarina Clasen, além de Jacó Gesser, teve mais os filhos André, n. 10.10.1840 e Pedro, n. —.02.1843, c/f., fl. 187, Fi — PR Reitz. Pai de filhos. (Continua)

## FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50, instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

### INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

#### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

#### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"  
Tipografia e Encadernação.

#### CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

#### DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão  
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann  
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio  
**Breitkopf**

**A CERTEZA DE FAZER O  
MELHOR INVESTIMENTO**

**DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000**

**Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC**

**HERING**

**TÊXTIL**

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.